

Walter queria falar, importunar o poderoso feiticeiro com novas súplicas, mas este disse: “Quietos! Reflita! E volte amanhã à meia-noite. Mas eu estou avisando: deixe os mortos repousar”. Dito isso, desapareceu nas sombras da noite. Embriagado pela nova esperança, Walter não encontrou o sono em seu leito; sem cessar sua fantasia, estendia à sua frente a tela cintilante de seu futuro com cenas encantadoras, e seus olhos, banhados de lágrimas de felicidade, erravam de uma imagem arrebatadora à outra. Durante o dia, vagueou pelos bosques, para que nenhuma lembrança de sua vida recente perturbasse os seus bem-aventurados pensamentos, de que iria revê-la, envolvê-la em seus braços, de dia passar à luz de seus olhos, à noite descansar em seu colo; e, uma vez que esse único pensamento preenchia todo o seu ser, como poderia ter surgido uma dúvida, como a advertência do velho poderia ter se aninhado em seu espírito?

Assim que o Escorpião, cintilando no levante, lhe anunciou que a meia-noite se aproximava, ele se apressou em voltar ao cemitério. O feiticeiro já se encontrava junto ao túmulo de Brunhilde. “Você refletiu?”, ele perguntou àquela que chegava. “Ah! devolva-me a magnífica!”, gritou Walter, tomado de paixão ardente; “Não demore a cumprir a sua boa ação! Se eu morresse esta noite, não a teria revisito.” “Bem”, disse o velho, “considere, e volte amanhã à meia-noite; mas ouça, deixe os mortos repousar.” Desesperado de impaciência, Walter queria se atirar aos seus pés, para obrigá-lo com suas súplicas a realizar naquele momento o seu desejo, que se aguçava em dor; mas o feiticeiro já sumira de vista. Walter permaneceu junto ao túmulo da desejada até o raiar da aurora, queixando-se com mais ímpeto e força do que antes; durante o dia, que lhe pareceu interminável, vagueou por aí, sem rumo, fugido, ensimesmado, como o criminoso por vir a tramar o seu primeiro ato sangüinário, e à noite as estrelas o encontraram já de volta ao túmulo. À meia-noite, o mago chegou também. “Você refletiu?”, perguntou ele, como na noite anterior. “O que há para refletir?”, reviu Walter, “Eu não quero refletir; minha sorte está em suas mãos. Caso esteja zombando de mim, vá logo embora, para que eu não coloque as mãos em você.” “Aviso mais uma vez”, replicou serenamente o velho, “deixe os mortos repousar.” “Ela não deve repousar na terra fria! Ela deve dormir sobre meu colo quente, ardente de paixão.” “Refleta! Considere que você não poderá mais se separar dela até a morte, mesmo que o ódio e o horror tomem conta do seu coração. Só haveria então um único recurso, terrível...” – “Tolice! Tolice!”, interrompeu-o Walter, “Como eu poderia odiar o que amo ardentemente? Como abominar aquilo por que cada gota do meu sangue anseia?” “Está bem”, disse o velho, “então afaste-se.”

Murmurando fórmulas mágicas, o velho desenhou um círculo em torno do túmulo; e logo a tempestade começou a zunir nas copas das rãs; corujas vieram esvoaçar e entoar o seu canto horrroso; as santas estrelas ocultaram suas faces para não testemunhar a hecatombe; com um suspiro, a pedra rolou do túmulo, deixando o caminho aberto aos mortos. O mago espalhava sobre a tumba miste-

riosas ervas e raízes maceradas, que emanavam vapores atordoantes, misturados a vermes-de-fogo; um redemoinho revolvia o chão fazendo os vermes luminosos girarem dentro dele, formando assim uma coluna de fogo sobre o túmulo; e o redemoinho cavava cada vez mais fundo, aspirando toda a terra da cova, até que um velado luar iluminou o caixão, que afinal abriu-se trovejando. Sobre este, o velho verteu sangue de um crânio humano, dizendo: “Bebe, dormite, bebe sangue quente, que o coração bata novamente em teu peito”; e logo, derramando sobre ela outra poção mágica, gritou com voz trovejante para baixo: “Teu coração voltou a bater, teus olhos estão novamente abertos à luz: então, sai de tua tumba!”. Como uma ilha surgindo das ondas escuras do mar, impelida por um fogo subterrâneo, assim Brunhilde, sustentada por uma força invisível, emergiu da noite da cripta. O velho tomou sua mão e a guiou até Walter, que estava à parte, atordado. “Tome”, disse-lhe, “aquela por quem você tão dolorosamente suspirou: que não precise mais de meus serviços! Mas, se precisar de mim, poderás me encontrar na montanha, na lua cheia, lá onde os três caminhos se separam.” Apesar de Walter reconhecer a amada por que tanto ansiara e um frio quente estremecer seu coração ao vê-la, um gelo entriçeira seu membros e paralisara sua língua. Fixou a regressada, mudo e imóvel, por algum tempo; tudo à sua volta fez silêncio, a lua voltou a brilhar, as estrelas luziam novamente no céu límpido. “Walter”, disse a ressurgida, e sua voz quebrou o encanto que o imobilizava. “É verdade? É verdade?”, gritava ele, “ou um sonho absurdo?” “Estou viva”, ela disse, “leve-me depressa ao seu castelo na montanha.” Ele olhou ao seu redor, o velho havia desaparecido; ao lado postava-se um corcel negro de olhos claros e faiscantes, e sobre a sela havia um traje para Brunhilde. Ela se cobriu logo com ele e disse: “Vamos partir antes que surja a aurora, pois meus olhos estão fracos demais para a luz do dia”. Redesperto para a vida, lançou-se agilmente sobre a sela; enfeitado e arrepiado, tomou diante de si a reencontrada, a amada arrancada à força da morte, e então voou sobre o descampado rumo às montanhas, como se todos os mortos o perseguissem para arrebatá-la; irmã sequestrada que carregava em seus braços.

Incrustado na montanha, o castelo aonde Walter levava Brunhilde ficava isolado num rochedo em meio a outros ainda mais altos. Vistos apertados por um velho criado, a quem o senhor impôs silêncio com uma terrível ameaça, eles chegaram aos aposentos mais afastados. “Ficaremos aqui”, disse Brunhilde, “até que eu possa suportar a luz do dia e não provoque mais calafrios em você, com meu aspecto.” E eles lá ficaram; os poucos habitantes do castelo não sabiam da existência de Brunhilde, salvo aquele velho criado, que lhes levava de comer e beber. Eles viveram sete dias à luz de velas; durante mais sete dias desvelavam-se as altas janelas em arco somente quando o amanhecer ou o entardecer iluminavam sutilmente as alturas e o crepúsculo já cobria os vales. Walter quase não saía de junto de Brunhilde, um feitiço inominável o mantinha amarrado a ela;